BRINDE DO NATAL

REAL SANCTUARIO

DO

[B]om Jesus do Monte

(SUBURBIOS DE BRAGA)

POR

JOSÉ CARLOS D'ARAUJO MOTTA-JUNIOR

[prim]eiro sargento aspirante a official e condecorado
[co]m a medalha humanitaria, concedida ao merito,
[phi]lantropia e generosidade.

Typographia Confiança

Rua Nova d'El-Rei e Rua do Forno

BRAGA

[1907?]

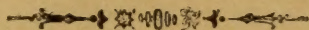
AO

EXC.^{MO} SNR.

José Alfredo Ferreira d'Eça e Leiva, Major do exercito

Em testemunho de gratidão
Offerece o

AUCTOR.

REAL SANCTUARIO
DO
Bom Jesus do Monte

Ás serras do Oural, Aboim da Nobrega, S. Pedro Fins, Nossa Senhora d'Abbadia, Carvalho d'Este, Espinho, Sameiro, Santha Martha, Amarella, Bom Despacho e Castello, succedendo-se umas ás outras com differentes distancias, formam uma larga bacia no meio da qual está, sobre a cumiada do pequeno outeiro, a Bracara Augusta dos romanos e Roma Portugueza dos tempos modernos.

A serra d'Espinho é dividida em dois altos montes fronteiros.

Em um d'elles o mais proximo e que mais particularmente era chamado monte Espinho, espraia-se pela vertente oriental da freguezia de S. Pedro d'Este, d'onde em vez do primeiro nome lhe chamam hoje o monte de S. Pedro d'Este.

A encosta occidental pertence á freguezia de Santa Eulalia de Tenões, ou mais propriamente Tenões, e apresenta para o lado da cidade um plano inclinado e escabroso, em *ensemble* gracioso e aprazivel pelas varzeas e outeiros aonde se veem vivendas de aspectos campesinos e alegres.

Alguem lhe chama o nome da freguezia, o monte de Santa Eulalia. Depois tomou o nome de Santa Cruz, quando ali foi edificada a ermida.

Hoje aquella aprazivel estancia que tantos encantos e attractivos desperta nos forasteiros, é o *rendez vous* na estação calmosa da *élite* da sociedade portugueza.

A'quella montanha prende-se uma recordação historica muitissimo ignorada.

O monte Espinho veio á posse dos Arcebispos de Braga no tempo do Affonso 3.º, o usurpador do sceptro de D. Sancho. Eis o que diz um documento existente no archivo da Sé de Braga. Fernando Ansur, fidalgo de Lanhoso e fiel ao rei foragido não quiz entregar o castello de Lanhoso. Affonso 3.º viera em pessoa ao norte para derrotar o rebelde alcaide e de Braga sahiu o Arcebispo com grandes forças.

D. Fernando resistiu tres mezes, capitulando no fim d'esse tempo, sem honras de guerra.

Foi preso e conduzido a Braga condemnado como rebelde.

As terras do Castello de Lanhoso' passaram para a mitra bracarense. Ora o monte Espinho comprehendia toda a area do Bom Jesus e montanhas circumjacentes, eram de D. Fernando Ansur.

Torneiros, Maximinos, S. Pedro e S. Fructuoso. Decorridos alguns annos D. Diniz restituiu aos filhos do fidalgo Ansur, parte dos bens espoliados a seu pae, mas outra parte ficaram em poder da mitra bracarense.

Assim se prova a posse das terras aonde D. Jorge da Costa edificou a primeira Ermida.

«Quem dissera que uma humilde cruz levantada no seculo XV, por ignota e piedosa mão no mais alto da montanha de Espinho, se transformaria com o dobar dos tempos, e a despeito das contradicções dos homens e dos lances da fortuna, no mais sumptuoso e privilegiado Sanctuario do reino, e

n'um dos monumentos da piedade christã, mais notaveis da pininsula iberica?

Quem arvorara essa cruz, padrão outr'ora de ignominia, de despreso e morte, e ha dezenove seculos fonte de vida, e thesouros de esperanças.

Nem a historia o escreveu nem a tradição o conservou.

Quantos annos esteve esse symbolo augusto do christianismo, no meio d'aquella solidão cerrada, com os braços abertos estendidos para os dois pólos, exposto aos raios do sol, dos açoites dos vendavais e ás injurias do tempo?

Ninguem o sabe.

Um homem houve de piedoso sentir, d'alma cheia de paz, de fé e de poesia, que um dia subinno a festo aquella montanha agreste, no mais alto d'ella, na clareira de duas arvores, ou sobre a aresta de alcantilado rochedo, levantara o signal que sanctificara a terra, creara a esperança, mudara a face do mundo, e consubstanciara uma religião inteira... Mas sobre o nome d'esse homem, como mais tarde sobre a sua memoria, caiu para sempre o pesado e perpetuo esquecimento dos homens.

Algum parocho, talvez, d'alma christã e consciencia pura, ali arvorara no occaso da vida, quando o espirito se eleva para o ceu e o corpo se dobra para a terra, para á sombra d'essa cruz e aos pés d'ella meditar no mysterioso poema da paixão do Redemptor; e, como os monges da edade media, no silencio profundo da natureza; mais perto de Deus, e mais longe dos homens, desiludidos do mundo e sequiosos de esperança celeste, beber a haustos largos, na fonte limpida do Evangelho, o balsamo consolador da fé.

Ali, ao cair da noite, na estação melancolica do outomno, quando as alegrias da natureza caminham tambem para o seu termo para reviverem mais tarde, ao invez das illusões e

alegrias humanas, que passam e morrem para nunca mais voltarem; ali, no meio d'aquella solidão serena e amiga, cortada apenas pelo canto da ave que se despede do dia, e pelo ciciar da folhagem amarellecida que se despega da arvore aos beijos da viração; ali, n'aquella hora em que dos casaes da aldeia começa a sair pelos tectos nús o fumo do lar, alastrando-se por varzeas e outeiros até erguer-se em brandas ondulações e azuladas espiraes como immensos thuribulos incensando o vasto templo da natureza... é então que o espirito do homem, sem remorsos, sem odios e sem ambições, parece comprehender e antegosar as venturas de uma felicidade eterna.

E que esplendido e magestoso quadro o desenrolado ante seus olhos!

Em roda da cruz as arvores meio despidas de folhas, levantadas para as nuvens os braços quasi nús como esqueletos, mal cobertos dos farrapos da mortalha.

Em baixo extensas campinas verdes e floridas. Mais longe a velha cidade romana christã, atalayada pelas suas sete formidaveis torres de guerra, e apertada no cinto de muralhas com que a rodiaram os reis Fernando e Diniz; e por cima dos outeiros e das montanhas, lá muito ao longe, os ultimos raios do sol amortecido, afundando-se no oceano, que dentro em pouco deviam singrar, com a cruz no tope dos mastros, em demanda de novas regiões, os navios de Bartholomeu Dias, e proejar á ventura os alterosos galeões de Vasco da Gama, para as remotas e desconhecidas plagas do maravilhoso oriente.

Mais alguns annos volvidos e a imagem d'aquella cruz humilde, aberta nos punhos das espadas dos nossos soldados, lavrada nas bandeiras dos nossos galeões, escripta no coração dos nossos missionarios, conquistava novos reinos e novos imperios pare o christianismo e para a civilisação, e tornava este peque-

no povo do occidente, que á sombra d'ella se constituira, a nação mais respeitada e mais venturosa da terra.

Não tem apparecido até hoje—que nos conste—documento algum mais ou menos authentico, que leve a fixar no anno de 1494, a construcção da ermida, que primeiro alvejara entre a folhagem dos bosques do monte de Espinho ou da Cruz, como já então lhe chamavam os pastores e os povos visinhos.

Parece-nos comtudo, que realmente n'esse anno, ou nos proximos seguintes, a mandara edificar o arcebispo e senhor de Braga, D. Jorge da Costa, o segundo do nome.

Sobre esta encosta está construido o Real Sanctuario do Bom Jesus do Monte, ou como o conhecido, o Senhor do Monte.

Vejamos o que diz D. Rodrigo da Cunha, na sua historia dos Arcebispos de Braga:

Por tradição que no anno de 1494 edificara o arcebispo D. Jorge da Costa, no monte Espinho uma ermida com a invocação de Santa Cruz e que os povos iam ahi todos os annos no dia 3 de Maio, por ser o dia em que a Egreja realisa a festividade da invenção de Santa Cruz

Foi edificada esta capella, aonde é hoje o novo escadorio do Sanctuario.

Em 1522, o deão da Sé de Braga, D. João da Guarda, reedificou-a, amplhou-a e mandou abrir em uma das paredes lateraes, o letreiro que se vê hoje em uma das paredes do escadorio.

Da cidade conduzem para o Bom-Jesus do Monte, cerca de 3 kilometros de magnifica estrada de macadam, povoada de casaes e orlada de castanheiros, que fórma com outras arvores, conjuncto aprazivel, pelo horisonte que se desfructa e pelas frescas varzeas e extensas planicies.

E' comprida e bem lancada, a estrada que conduz de

Braga ao Sanctuario, mas, apesar de accessivel a todos os carros e vehiculos, é um tanto suave, pois as rampas são 7 a 8 por cento.

Ao norte do Portico do Sanctuario, está construido um ascensor sobre um plano inclinado, sóbe a encosta da montanha atè ao templo, cuja construcção se deve ao intelligente Mesnier e a iniciativa ao benemerito fallecido Manoel Joaquim Gomes.

Quem, dirigindo-se de Braga por aquella estrada, voltar do norte ao nascente, encontra o portico do Sanctuario, em meio de duas capellas do monte.

Esse portico é uma das obras mais curiosas do Sanctuario.

Formado como outras obras de granito ordinario, em que o Minho é abundante, eleva-se um arco construido, que sustentado apenas em seus estreitos pilares, tem resistido aos tremores de terra e vendavaes, muito frequentes n'esta parte do paiz.

O arco é abatido e extradorsado do nivel. A sua construcção é simples e muito singela.

Sobre o extradorso pousam, nas extremidades, dois ornatos esphericos, e no centro, entre pyramides, a cruz archiepiscopal, com uma imagem de Christo. Por dentro está embutida uma esphera armillar.

Pende do arco o brazão do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles.

Os pilares teem lapides quadradas indicando a data (1723) da restauração e reedificação do Sanctuario e o nome do restaurador, o arcebispo acima citado.

A capella da direita da entrada representa o passo do cenaculo, em que o Divino Martyr do Calvario, instituira o sacramento da Eucharestia, ao cear com os seus discipulos,

A capella da esquerda, o passo do horto de Gethsemani, no monte das Oliveiras. ao orar do Christo a seu Eterno Pae.

A 3.ª capella, estão figuradas a traição de Judas e a prisão de Jesus Christo.

A fonte que está contigua é dedicada a Diana e tem esculpidas na pedra as divizas d'esta divindade.

A 4.ª capella representa o pretorio de Pilatos, onde está Jesus Christo, preso á columna.

Em frente está a fonte de Marte, com os seus emblemas guerreiros.

A 5.ª representa tambem no pretorio Jesus Christo, depois de flagelado, sentado e com a corôa de espinhos, o manto encarnado e uma cana verde na mão.

A 6.ª representa a varanda de Pilatos, e está apresentando Jesus Christo ao povo com as palavras:—*Ecce Homo.*

A fonte correspondente é dedicada a Saturno.

A 7.ª é Jesus Christo, caminhando para o Calvario, com a cruz ás costas. Junto d'ella, está a fonte de Jupiter.

A 8.ª representa a crucificação de Jesus Christo.

Como se vê junto a cada capella, ha uma fonte allegorica com emblemas mythologicos, lançando agua, havendo para cada uma d'estas fontes, estatuas e inscripções.

Os escadorios do Sanctuario são de caprichosa architectura. São dous e differentes, nas allegorias. Um representa os cinco sentidos e o outro tres virtudes: Fé, Esperança e Caridade.

FÈ

Para o nascente do sobredito plano sobem oito degráos em semicirculo, e logo dentro d'um nicho de 16 palmos d'alto se vê uma fonte, em que d'uma Cruz arvorada sobre Calvario sahe agua pelas aberturas dos cravos, e por cima se lê a seguinte inscripção:

EJUS FLUENT
AQUAE VIVAE
JOAN. 7. 38

«Correrão delle aguas vivas».

FÉ

FIDES... ARGUMENTUM NON APPARENTIUM... EX AUDITU :
AUTEM PER VERBUM CHRISTI.
AD HEBR. 11. 1. ROM. 10. 17

«Fé... evidente prova das cousas que se não vêem. A fé procede do que se tem ouvido; e tem-se ouvido por se ter prégado a palavra de Christo»

DOCILIDADE

CORDE ENIM CRDITUR AD JUSTITIAM.

AD ROM. 10. 10.

«Porque com o coração se crê para alcançar a justiça.»

CONFISSÃO

ORE AUTEM CONFESSION FIT AD SALUTEM.
AD ROM. 10. 10.

«Mas com a bocca se faz a confissão para conseguir a salvação.»

SEGUNDO LANÇO

ESPERANÇA

Em um nicho semelhante ao primeiro, mas de differente ordem d'architectura, está construida a segunda fonte com a Arca de Noé sobre uma montanha, por onde correm veios de agua, que sahe debaixo da Arca, e em cima se lê a inscripção

ARCA IN QUA... ANIMAE SALVAE FACTAE SUNT.
1. PETR. 3, 20.

«A arca na qual... se salvaram almas»

ESPERANÇA

EXPECTANTES BEATAM SPEM, ET ADVENTUM GLORIAE
AD TIT. 2. 13.

«Aguardando a esperança bemaventurada, e a vinda da gloria.»

CONFIDENCIA

IN SPE ERIT FORTITUDO VESTRA.
ISAT. 30. 15.

«A vossa fortaleza estará na esperança.»

GLORIA

... OCULUS NON VIDIT NEC AURIS AUDIVIT
I. CORINT. 9. 2.

«O olho não vio. nem o ouvido ouvio.»

TERCEIRO LANÇO

CARIDADE

Em igual nicho, e de mais rica ordem está a terceira fonte com dous meninos em pé, sustentando um coração d'onde corre uma bica d'agua.

CARIDADE

TRIA HAEC ! MAIOR AUTEM HORUM EST CHARITAS.
AD CORINT. I. G. 13. 13.

«Estas tres : Porèm a maior dellas é a Caridade.»

BENIGNIDADE

CHARITAS... BENIGNA
EST. I. COR. 13 4.

«A caridade... é benigna.»

PAZ

PAX FRATRIBUS, ET CHARITAS CUM FIDE.
EPH. 6, 23.

«Paz seja aos irmãos, e caridade com fé.»

Ao terminar os escadorios ha duas capellas de Santa Maria Magdalena e S. Pedro, e subindo as escadas da elavação da Cruz, no largo do templo, os juizes e governadores da Judeia, que intervieram no julgamento de Christo, segue-se a capella do descimento da Cruz, da União ou Uncção e mais acima a da Resurreição.

No largo dos Evangelistas, tres capellas:—Apparição, Imauz e Ascensão.

A egreja do Bom Jesus do Monte, ergue-se no fundo do recinto da praça, com bastante elegancia.

A sua fronteira tem aspecto que impressiona e é um dos templos mais sumptuosos da Europa.

A fachada do templo é composta de diversas ordens de architectura. *A primeira pedra d'este templo foi lançado no 1.º de Junho de 1781; e a conclusão em 20 d'Outubro de 1811;* o interior vasto e alegre por ser uma só nave, e a muita luz que o innunda, torna-se impressionavel ao visitante. Não ha ali marmores nem obras d'esculptura, apenas Jesus Crucificado entre dous ladrões, aos pés da cruz veem-se Nossa Senhora, as tres Marias, Santa Maria Magdalena, S. João Evangelista e o centurião, com sete soldados e dous jogando aos dados a tunica do Salvador. Por occasião da sagração do templo em 10 d'Agosto de 1857, foram postas debaixo da pedra d'Ara, as seguintes reliquias n'um cofre. Do Santo Lenho da columna em que foi flagelado Jesus Christo, do veu de Nossa Senhora, da capa de S. José, dos ossos dos doze apostolos.

A egreja tem duas capellas, n'uma a Senhora da Soledade, aonde está o corpo do S. Clemente, debaixo do altar em vestes de soldado Romano, n'outra o Santissimo Sacramento.

Na parte central do templo, vêem-se os quatro doutores da Egreja, Santo Agostinho, S. Jeronymo, Santo Ambrozio e S. Gregorio.

O architecto que delineou o templo magestoso, foi Carlos Luiz Ferreira da Cruz de Amarante, natural de Braga.

Na abobeda do templo, veem-se as armas de Portugal e do Papa, que dispensaram beneficios e indulgencias ao Real Sanctuario. Tem duas sachristias, na direita, são os bemfeitores mais modernos e uma imagem de Jesus Christo crucificado em marfim, em cruz d'ébano. Na sachristia da esquerda está a imagem antiga do Bom Jesus do Monte e Nossa Senhora das Dores n'um oratorio e os antigos bemfeitores do Sanctuario.

No «Minho», de Antonio da Costa, diz:

«Com a vertigem da admiração vem logo o desejo de querer ter ali pessoa amiga para lhe confiarmos as nossas impressões, vem ancia de ideias elevadas ou de acções generosas. A impressão repentina, é a da grandesa formosa. O espirito quer abranger tudo e não póde abranger nada.

«Acrescenta o distincto escriptor fallando do horisonte formoso, que se avista do Bom Jesus do Monte. Eu subi ao Vesuvio, e de lá admirei um oceano de cinzas, subi parte do monte Branco, vi um oceano de neve e fui na ilha de Ischia, ao alto do elevadissimo ponto de Epomeia e enfeitiçaram-se-me os olhos com as impressões napolitanas; embalei-me no lago Genebra, ao qual Chateaubriand agradecido o ter podido lavar com lagrimas as saudades da patria, atravessei ao raiar d'uma alvorada em que as nevoas cor de rosa se abriam como cortinas para nol-o mostrar, vi os Appeninas encantadores, mas es-

la bellesa do alto do Bom Jesus do Monte, produz me a impressão mais viva de quantas a minha alma sentiu.»

Diz Camillo Castello Branco:

«Houve um tempo em que do Brazil afluiam valiosas esmolas para a fabrica do Bom Jesus do Monte. Era mysterioso o destino do cofre do Bom Jesus.

Não se podia admittir que os tutores da milagrosa imagem comprassem as frondosas arvores que aformoseavam o sitio, nem as auras convidativas que attrahiam o concurso de romeiros. De vez em quando, apparecia uma capella nova com judeus novos, menos horridos, mas ainda assim muito afastados da tradiccional belesa hebraica. Indistinctamente, todos os mesarios manifestavam o seu odio aos judeus, recommendando aos esculptores que se aprimorassem na especialidade do nariz, dando-lhe uma curvatura, um resalto, umas ventas dignas de pancada usual dos peregrinos.

O esculptor: envidava todo o seu esforço plastico em tornar os soldados de Pilatos o menos sympathico e mais dignos do escarneo injurioso das turvas que entoavam a *Via Sacra;* os judeus propriamente ditos, estremavam-se pela amplitude das fóssas nasaes e pela dentadura refilada; ao passo que Jesus de Nazareth, tambem judeu pelo facto de sua encarnação em Maria, esse, faziam-no gentil quanto cabia nos seus grosseiros instrumentos estragados na deformação monstruosa de Kaifaz e Anaz.

Succediam-se os mesarios, que de vez em quando, deitavam novo passo da Paixão, e dos dinheiros do pacientissimo Jesus, compravam fazendas, não para se enforcarem, como Judas Kerioth no Haceldama, mas para se desenforcarem de forquilhas em que traziam os creditos pendurados.

O marquez de Vallada, quando governou o districto de

Braga, syndicou do thesouro do Senhor do Monte, e dissol
a mesa, talvez com o proposito de a metter em processo.

Descobrira um inveterado latrocinio, em uma corre
não interrompida de gerações, que ha dous seculos viviam
lagrosamente dos milagres do Senhor do Monte.»

Os beneficios que dimanaram d'este acto do mar
de Vallada, transformaram por completo aquella estancia fo
sa. A *mãe d'agua*, floresta assim chamada, em cujos os t
cos das arvores se viam entalhadas iniciaes e datas amor
ali gravadas por moços, que já velhos iam recordar e res
aquelle ambiente, encontra-se transformado n'um parque s
bo e um lago que faz as delicias dos visitantes.